Ano XXIV — Lisboa, Junho de 1968 — N.º 278

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

A disciplina e a liberdade na educação

Por EDUARDO RIBEIRO

Se as perturbações que afectam uma parte da mocidade dos nossos dias são consequência evidente de um problema de disciplina, que no lar dá os primeiros e mais importantes passos, como tivemos ocasião de afirmar nestas mesmas colunas, importa definir o que por disciplina se deve entender, já que, para verdadeiramente educar, para formar caracteres, a liberdade é também essencial. Nunca poderemos formar e, sobretudo, desenvolver a personalidade da criança e do adolescente, sem que essa preciosa acção se exerça em ambiente de liberdade e com vista à liberdade. Notemos, porém, que não há qualquer antinomia entre disciplina e liberdade. Porque disciplinar não é, como alguém poderia porventura julgar, contrariar as tendências naturais da pessoa humana, anulando toda a iniciativa pessoal, dominando a vontade, oprimindo, negando o direito ao livre arbítrio. Pelo contrário, disciplinar é conduzir, permitir que se manifestem os dons naturais, estimulando o seu desenvolvimento e orientando-os para uma actividade ordenada. Disciplinar é ensinar a viver.

Ensinamos, por exemplo, a criança a andar, a ganhar noção de equilíbrio, disciplinando os seus movimentos, amparando-a, sujeitando-a à nossa mão para que possa arriscar as primeiras passadas, mas todo esse exercício tem em vista prepará-la para que amanhã seja capaz de andar, correr e saltar. A disciplina a que a sujeitámos foi o processo que se usou para lhe permitir plena liberdade de movimento.

Todo o processo educativo segue este mesmo esquema, quer se trate da disciplina física, moral ou social. Ensinamos a criança a comer, a sentar-se à mesa, a sujeitar-se a horários, a relacionar-se com familiares, com companheiros, com mestres e até mesmo com estranhos.

À medida que a idade avança, crescem as responsabilidades e, de igual forma, as normas de disciplina pessoal, em que não devemos permitir desvios, fraquezas, que seriam prejudiciais à aptidão para o exercício da liberdade. Certamente que a criança manifesta também tendências inatas negativas, que não são úteis ao enriquecimento da personalidade. Essas terão de ser orientadas em melhor sentido, sublimadas. A melhor forma de o conseguir é cultivar a virtude oposta. A uma criança preguiçosa, proporcionar-se-á oportunidade de que sinta o prazer de produzir, de realizar, de fazer alguma coisa. A outra, com tendência para a desordem, orientar-se-á de forma que possa criar hábitos de ordem, de método, de asseio. O Dr. Gilbert Robin, psiquiatra da Faculdade de Medicina de Paris, aconselha a que se «não diga à criança o que ela **não deve fazer**, mas que se indique antes **o que deve fazer.** (...) As fórmulas positivas **faz isto** ou **faz aquilo** indicam à criança o sentido em que se deve dirigir».

Baden-Powell deu prova da sua extraordinária capacidade de educador ao reconhecer que um movimento como o Escotismo deveria

Continua na pág. 4

Helena Keller

— Um poema que suavemente chega ao fim

No princípio do mês em curso, faleceu uma das mulheres mais extraordinárias da nossa época, mas que esteve quase condenada a arrastar uma miserável condição. Falamos de Helena Keller, a cega, surda e muda, que, mercê da dedicação sem limites da sua preceptora Ana Sullivan, logrou romper as barreiras que ten-

Continua na pág. 4

NOVOS ASSINANTES

Uma campanha em marcha!

O nosso apelo para novos assinantes não ficou esquecido. Registamos este mês seis novas assinaturas. O Grupo 23, a entusiástica unidade dos escoteiros de Queluz, enviou-nos as assinaturas dos Srs. Egas Jorge Galrão Bugalho e Carlos Virgílio Galrão Bugalho, antigos escoteiros dos Grupos 74 e 115, e ainda do caminheiro José Alfredo Monteiro. O Grupo 94 remeteu-nos duas assinaturas: os Srs. António Luís Nogueira da Cunha e José de Oliveira Castro. De Vila Nova de Gaia, recebemos directamente a assinatura do Sr. António Morais de Sá.

A todos, o nosso muito agradecimento.

*

Ratificou a sua inscrição como assinante patrocinador o nosso dedicado amigo Sr. Humberto Martins, presidente da Fraternal, e deu a sua adesão um dos mais antigos escoteiros do Grupo 1, o Sr. António Rodrigues Amorim Chamusco, que vive nas Bermudas. A ambos o nosso **muito obrigado.**

VISADO PELA CENSURA



Aniversário do Grupo n.º 7 da A. E. P.

1913. O Escotismo dá os primeiros passos em Portugal. Existem já três ou quatro grupos, que provam à evidência o valor educativo do método de B.-P. e a facilidade da sua adaptação à juventude portuguesa. Urge reformar os velhos sistemas, já demasiado gastos para serem úteis aos jovens desejosos de aventura e movimento.

Na União Cristã de Jovens, que funciona na igreja evangélica da Rua de Angra do Heroísmo, sente-se precisamente esse problema e Luciano Silva, um são de corpo e espírito, pioneiro do naturismo em Portugal e acérrimo defensor de tudo o que é amor à natureza, constitui, com Abel dos Santos e Silva, um grupo de escoteiros. É o grupo n.º 7 da Associação dos Escoteiros de Portugal.

★

1968. O grupo n.º 7 da AEP comemora 55 anos da sua existência. Jornada dura de mais de meio século; nem sempre fácil o caminho a percorrer. Períodos melhores e outros piores, momentos felizes e momentos de desânimo. Mas o SETE vive...

É isso que está demonstrando a sua actual chefia, onde Herlânder Santos Costa, num assinalável esforço, procura restituir ao grupo a projecção e o prestígio que alcançou há já algumas décadas, procurando rodear-se de elementos válidos e reafirmando a velha aliança existente com a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses.

À sessão comemorativa do aniversário do grupo n.º 7, que se realizou em 19 de Maio no Salão Nobre dos Voluntários Lisbonenses, estiveram presentes muitos escoteiros e numeroso público.

Presidiu o Chefe Geral, sr. Comandante Tengarrinha Pires, ladeado pelos senhores Dr. Manuel de Carvalho, Luís Simões Aurélio, Tenente França de Sousa, respectivamente Presidente da Direcção, Vice-Presidente da Assembleia Geral e Comandante dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses; Humberto Martins, Presidente da FRATERNAL e João Madeira Leitão, chefe do núcleo A de Lisboa.

Em mesa à parte, o chefe e toda a Direcção do grupo n.º 7 que vai ser empossada e que é constituída pelos senhores Vasco Justino Tavares, César Dias da Silva, Gustavo Henriques de Almeida, Arquitecto Fernando Ferreira Torres, Miguel da Silva Martins e Herlânder Santos Costa.

A abrir, o chefe Santos Costa saudou os presentes, agradecendo a todos terem vindo à festa do aniversário do SETE. Destacou, a propósito, a presença de alguns escoteiros do CNE e explicou à assistência o sentido do artigo 4.º da LEI do escoteiro.

Seguiu-se o acto de posse da nova Direcção, a qual se encontra organizada e em pleno rendimento há já cerca de 2 meses. O sr. Gustavo de Almeida falou em nome dos elementos da direcção, agradecendo a missão de confiança que lhes fora entregue pela AEP e manifestando a sua esperança no actual chefe do grupo e na acção do Escotismo em prol da formação da juventude.

Usou depois da palavra o anterior chefe do grupo, Miguel Martins, que agradeceu comovidamente a todos quantos o ajudaram na sua missão, salientando a colaboração recebida da Direcção e Comando dos Bombeiros Lisbonenses.

Após a distribuição de diversas insígnias a lobitos, escoteiros e caminheiros, o Chefe Geral colocou a medalha de ouro de *Agradecimento* da AEP no estandarte da Associação dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, distinção concedida pela Direcção da AEP, por proposta da Direcção do grupo n.º 7.

Falou depois o sr. Humberto Martins que leu uma saudação da FRATERNAL ao grupo n.º 7, salientando o seu apreço aos Bombeiros Lisbonenses pela protecção que têm dispensado ao grupo.

O Presidente da Direcção dos Bombeiros considerou uma honra para a sua Associação a distinção que acabava de ser conferida pelos Escoteiros, a qual, disse: «*Passará a ficar no nosso estandarte junto de outras altas distinções, entre as quais ostentamos orgulhosamente as insígnias da TORRE E ESPADA*». Manifestando perfeito conhecimento dos problemas juvenis, o sr. Dr. Manuel de Carvalho disse ainda: «*Como princípio, não aceito que existam diferenças sensíveis entre a juventude e os mais idosos. Basta que exista perfeita compreensão e desejo de cooperar e a acção de uns e outros completam-se*». Citando certa referência à *crise do Escotismo* feita por um dos oradores antecedentes, afirmou: «*O Escotismo é uma obra tão extraordinàriamente maravilhosa que jamais poderá estar em crise*». Referindo-se à protecção dispensada ao grupo n.º 7, facto que considerou uma honra e não um favor, pôs em pé de igualdade alguns aspectos da vida dos escoteiros e a dos bombeiros. Lembrando algumas jornadas de mútua colaboração, disse a terminar: «*... porque os bombeiros também precisam dos escoteiros, porque vós sois juventude e possuís o poder de a transmitir aos outros... porque, quando observo todos vós, vejo que existe amizade, ternura, compreensão, camaradagem, juventude... há juventude em todos nós!*»

Antes de encerrada a sessão, o senhor Com. Tengarrinha Pires agradeceu as referências elogiosas feitas aos escoteiros, manifestou a sua confiança no trabalho do grupo n.º 7 e do seu novo chefe e, referindo, embora superficialmente, um tema já ali abordado, afirma: «*Aquilo a que chamamos crise na AEP não é senão um certo arrumar da casa. Temos que procurar adaptar determinadas circunstâncias da vida actual aos meios de que dispomos, assim como temos que nos adaptar a certos aspectos da vida actual, para que possamos tirar para os jovens o melhor proveito possível dos notáveis ensinamentos que o Escotismo proporciona*».

Terminada a sessão solene, assistiu-se a uma demonstração de ataque a um incêndio (simulado) por parte dos escoteiros que frequentam o curso-treino proporcionado pelos Lisbonenses, cuja actuação foi bastante apreciada, até pelos próprios dirigentes da corporação, dada a disciplina, correcção e entusiasmo com que se desempenharam da sua tarefa.

Seguiu-se a parte recreativa da festa, com canções, jogos e muita alegria, tendo-se distinguido principalmente os lobitos de vários grupos, entre os quais os do grupo n.º 22 (cegos) presentes em elevado número.

«Compromisso de honra» de novos escoteiros

Após a festa do aniversário, realizou-se na sede do grupo, já em ambiente mais reservado e propício, a cerimónia do «Compromisso de honra» dos novos escoteiros, bem como a «promessa» de alguns lobitos, cerimónia a que presidiu o chefe do grupo.

Exposição Escotista

Aproveitando inteligentemente o palco do Salão Nobre dos Bombeiros Lisbonenses (dado que todas as cerimónias se efectuaram na sala), os escoteiros do grupo n.º 7 realizaram uma modesta mas interessante exposição, que esteve patente ao público antes e depois da festa a que acima nos referimos.

Pudemos assim apreciar alguns valiosos documentos da história do grupo, bem como trabalhos manuais executados pelos próprios escoteiros.

M. G.

O Grupo n.º 53 de Lisboa encontra-se encerrado

Já há bastante tempo que nesta Redacção tínhamos conhecimento de que suspendera as suas actividades o Grupo n.º 53, que tinha sua sede em Lisboa, em edifício anexo à Catedral da Igreja Lusitana, no edifício dos Marianos, na rua das Janelas Verdes. Hesitávamos em dar a notícia, na esperança de que as possíveis dificuldades existentes pudessem ser solucionadas. De facto, era muito lamentável a situação daquele Grupo, de tão notáveis tradições no Escotismo de Lisboa. Fundado em 1 de Dezembro de 1933, passaram pela sua chefia, entre outros, os dirigentes Srs. António Ferreira da Silva, Joaquim de Santa Rita, David de Baudouin, João Pedro de Figueiredo, Henrique Alves de Azevedo, Cláudio Merelo, José Ferreira da Silva, Rui Cunha, Mário Rocha Santos, Tomás Ribas e, destacando-se entre todos, pelo maior número de anos e intensa dedicação que lhe dispensou, o Chefe Armando Lino. Pelas fileiras do Grupo passou um belo escol de Escoteiros, entre os quais «Sempre Pronto» tem o prazer de contar um bom número de dedicados amigos.

Infelizmente, porém, temos de confirmar a notícia. O Grupo n.º 53 suspendeu as suas actividades. Em comunicação que nos é feita pelo actual Pároco da Catedral, o Rev. Sr. Lauro Borba da Silva, é-nos dito que em 18 de Janeiro passado, ao assumir o pastorado daquela Igreja, tomou conhecimento de que há alguns meses tinham sido encerradas as actividades do Grupo de Escoteiros, acrescentando que lamentàvelmente por falta de instalações necessárias mínimas não é possível providenciar a sua reabertura nos anos mais próximos.

O Grupo n.º 53 possuía antigamente boas instalações para a sua sede. Foram os próprios escoteiros que a restauraram, limpando e reparando as dependências que se encontravam ao abandono. Na sua Sede realizaram-se inúmeras actividades e reuniões de confraternização, que muitos recordarão com saudade. Talvez a falta de sede não tenha sido a razão fundamental que forçou a suspensão. O Grupo 53 lutava com falta de dirigentes e a sede terá ficado devoluta e teve outra aplicação.

O Grupo 53 terá desaparecido para sempre! Mas a lembrança da obra que pôde realizar na educação de muitos jovens perdurará como testemunho da sua utilidade.



por MENDES MARQUES

A «STRAJA TARII»

A Roménia, país tão fértil em emissões de selos escotistas, está, como se sabe, afastada da Conferência Mundial do Escotismo, de que havia sido um dos membros fundadores, em 1922.

Mesmo antes do estabelecimento do comunismo, aquele país já havia sentido várias perturbações políticas que muito abalaram as suas estruturas. No entanto, o movimento escotista manteve sempre uma certa estabilidade.

O escotismo romeno foi fundado pelo rei Carol II, quando ainda príncipe herdeiro, e que sempre mostrou um devotado interesse pelo movimento.

Em 1930 assumiu a chefia dos negócios do reino e logo no ano seguinte foi feita uma emissão de selos comemorativa da 1.ª Exposição Escotista, tendo também a finalidade de angariação de fundos para os escoteiros romenos. O rei Carol, seu irmão, o príncipe Nicolau, que foi regente do reino durante os atribulados anos de 1927/30, e o príncipe Miguel, aparecem em uniforme escotista nos referidos selos.

Em 1932 realizou-se o 1.º Jambori nacional que teve lugar na cidade de Sibiu (Transilvânia). Foi posta em circulação uma emissão de selos onde, de novo, o rei é representado, assim como seu filho, o príncipe Miguel, que chegou a ser guia de patrulha. Dois anos mais tarde, esta emissão foi sobrecarregada para comemorar o 2.º Jambori Nacional, levado a efeito em Mamaia, próximo da cidade de Constanta, no Mar Negro.

A situação política do país agravou-se e o rei, numa tentativa de dominar a situação, criou um novo movimento para a juventude que designou por «STRAJA TARII» (Guardiões do País), nele englobando todas as organizações juvenis existentes. Os seus métodos tiveram como base o sistema do escotismo mas sob a designação de Organização para a Educação da Juventude Romena (O. E. T. R.), cujo emblema aparece já na emissão escotista, de 1935, comemorativa do 5.º aniversário da ascensão ao trono do Rei Carol.

O Jambori Nacional de Brasov ainda foi comemorado dentro dos princípios escotistas e a respectiva emissão de 3 valores ostenta a Flor de Lis.

Embora se batesse pela sua independência dentro do apertado «contrôle» a que estava sujeito, o escotismo, debaixo da sigla «O. E. T. R.», foi constrangido a pedir a sua resignação durante a Conferência Internacional de 1937, tendo as outras delegações presentes manifestado toda a sua simpatia.

Apesar de tudo ainda continuaram as ligações entre a STRAJA e o escotismo. Em Junho de 1937, Baden-Powell fez-se representar pelo Coronel Wilson nas celebrações nacionais da juventude. Em 1938 e 1939, duas emissões foram postas em circulação representando a última S. Jorge matando o dragão, cujas sobretaxas foram destinadas aos fundos escotistas.

Em Março de 1939 foi assinado um acordo que favorecia um intercâmbio de visitas e permitia que dirigentes da Straja Tarii participassem como observadores nas Conferências escotistas e continuassem a utilizar a formação proporcionada em Gilwell Park.

Quatro meses mais tarde, na Conferência de Edimburgo, a delegação romena sentava-se pela última vez ao lado das outras representações.

Em 1940 apareceu a última emissão representada por edifícios históricos romenos.

Depois... foi a triste descida do pano sobre o escotismo na Roménia.

X Poemeto filatélico

(diante do selo comemorativo do 30.º aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional).

A mão da Mãe se estende à mão
[do filho:
Nutre, acarinha, educa com amor.
Mesmo em modéstia, sem ruído
ou brilho,
Imagem é da Mão do Criador.

Eduardo Moreira

O 34.º aniversário do Grupo n.º 93 de Sintra

Em 24 de Junho corrente passa o 34.º aniversário do Grupo n.º 93, de Sintra, que ao longo destes anos tem promovido naquela tão risonha vila dos arredores de Lisboa uma interessante obra de muita projecção escoteira. A inauguração deste Grupo constituiu uma inolvidável actividade dos Escoteiros de Portugal. De Lisboa, partiu um comboio com 400 rapazes, que deram uma invulgar animação à vila. Houve recepção na Câmara Municipal e um desfile em que, além dos escoteiros, se juntaram ainda as corporações de bombeiros e filarmónicas do concelho. Pela primeira vez, também, se apresentava em público o Grupo n.º 94.

No largo fronteiro ao Palácio Nacional, os escoteiros desfilaram perante o Governador Civil de Lisboa, o saudoso coronel João Luís de Moura, o presidente da Câmara e outras autoridades, na presença de numeroso público. Foi nesse ambiente de entusiasmo que os primeiros Escoteiros do Grupo n.º 93 prestaram o seu Compromisso de Honra, após o que o Sr. Dr. Sá Oliveira, um dos fundadores da Associação dos Escoteiros de Portugal e seu presidente, proferiu uma conferência exaltando os ideais escoteiros.

A Direcção e a Chefia do Grupo n.º 93 resolveram assinalar esta data com o maior relevo, para o que conta com o patrocínio do presidente da sua Direcção, Sr. Manuel de Mattos, e a colaboração de diversos grupos de Escoteiros. No Domingo, dia 23, haverá na Sociedade União Sintrense uma sessão de propaganda escoteira, na qual dircursará o antigo dirigente escoteiro Sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos.

Os 50 anos de vida artística do pintor Carlos Botelho

Mestre Carlos Botelho é artista muito conhecido e de méritos firmados. De actividade desbordante, são inúmeros os seus trabalhos, entre os quais avultam e alcançaram merecido renome os painéis em que retrata a «sua» Lisboa **de mil cores.**

Pois, no dia 27 de Maio p. p., foi inaugurada uma exposição dalguns dos seus quadros numa sala do Liceu de Pedro Nunes, em Lisboa. Porquê esta exposição de pintura naquele liceu? É que, há precisamente cinquenta anos, neste mesmo estabelecimento de ensino, de que Carlos Botelho era aluno, este artista realizou um grande sonho da sua vida: a primeira exposição de pintura!

Ao fim de meio século, percorridas as grandes capitais, alcançada a fama, volta Carlos Botelho àquela casa, não como um filho pródigo, que não foi, mas como um romeiro em sentida peregrinação.

Visitámos a exposição e tivemos ensejo de trocar algumas palavras com o conceituado pintor. Numa vitrina, lá estavam algumas das suas recordações e, entre elas, uma página da **Ilustração Portuguesa,** *com fotografias e uma reportagem de uma actividade do célebre Grupo n.º 3 dos Escoteiros de Portugal, onde se vê Carlos Botelho, pois este artista orgulha-se de ter pertencido àquele histórico grupo.*

«Fiz esta exposição — *diz-nos Carlos Botelho* — **por dois motivos: primeiro, para a dedicar aos meus antigos colegas desta casa, segundo e sobretudo, para gozar do convívio dos novos».**

Realmente, há um nítido sentido educativo na realização deste certame num estabelecimento de ensino. E Carlos Botelho recorda ter ali encontrado o ambiente propício à revelação das suas qualidades e, por conseguinte, o meio que lhe proporcionou ter enveredado por aquela nobre actividade. Foi com o dinheiro depositado na Caixa Económica da Associação Escolar do Liceu que comprou a primeira caixa de tintas. Recorda-se, também, de ler na capa da caderneta do seu depósito o conselho que tão útil lhe foi: **«Poupa o supérfluo».**

Dos 32 painéis expostos, dois deles, «Cascata — Jardim da Estrela» e «Saleta da Minha Casa», também estiveram ali expostos em 1918. Dos outros, vários ofereciam imagens de Lisboa, de Paris, Nova Iorque e Veneza, isto é, algumas das cidades onde Carlos Botelho trabalhou e realizou exposições. Lá estão, igualmente, dois óleos de especial significado para o artista: o retrato de sua mãe e o de seu pai, o maestro Carlos Botelho, de quem o filho viria a herdar o gosto pela música.

Felicitamos vivamente Carlos Botelho pela passagem das suas bodas de oiro artísticas, desejando-lhe longa vida e a realização de todos os seus ideais.

A morte do Dr. Bohuslav Rehak

Rectificamos a notícia que demos no último número:

Efectivamente foi em 1948, e não em 1943, que o Escotismo foi dissolvido na Checoslováquia, ano em que a «Junak», a associação escotista daquele país, foi colocada sob a direcção política do governo comunista que ali se instalou. Portanto, deixou de ser considerada membro da Conferência Internacional do Escotismo.

Pedimos desculpa deste lapso.

Helena Keller

Continuação da pág. 1

tavam barrar-lhe o caminho de uma vida proveitosa.

Tendo nascido no Alabama, em 27 de Junho de 1880, Helena Keller, por doença quando contava sòmente dezanove meses de idade, perdeu o uso daqueles três sentidos, que nunca mais haveria de recuperar. Farrapo humano, tão cedo atirado para as trevas da inconsciência, essa criança teve, contudo, a felicidade de encontrar no seu caminho outra mulher excepcional, cujo nome jamais poderá ser esquecido: — Ana Sullivan. Esta admirável professora, dando provas de notável capacidade, persistência e intuição, conseguiu, a pouco e pouco, arrancar Helena da noite em que estava mergulhada, utilizando, para tanto, apenas as percepções olfactivas e tácteis que restavam à sua educanda.

Diz o distinto psiquiatra Dr. João dos Santos que a mestra de Helena Keller provou que «tinha razão ao recuperá-la — cega, surda e isolada do mundo — não por uma protecção benévola e piedosa, mas pelo estabelecimento de uma verdadeira relação afectiva. Para fazer sair a sua discípula das trevas, Ana Sullivan não se inspirou em nenhum método educativo já conhecido, antes seguiu a sua inspiração, utilizando o seu próprio corpo, a sua inteligência e espontaneidade».

Assim se produziu o milagre de Helena Keller. Privada dos principais meios de comunicação, alcançou notável sensibilidade pela educação dos dois sentidos que lhe restavam. **«Tem dez olhos para a escultura»** disse um professor italiano, quando ela visitou os famosos túmulos dos Médicis, em Florença.

Aprendeu a ler e as suas faculdades eram tais que adquiriu valiosíssimos conhecimentos literários e científicos, chegando a compreender o grego, o latim, o inglês, o francês e o alemão. Publicou diversos livros, tendo sido êxitos editoriais os que intitulou **«A Minha Vida»**, **«O Mundo em que Vivo»** e **«A Professora»**, este último acerca de Ana Sullivan e dos métodos por ela usados na educação da autora.

Cursou estudos superiores, diplomando-se, com distinção, na Universidade de Harvard.

Na peregrinação que empreendeu pelo mundo, essa mulher, tão diminuída fisicamente, foi um motivo constante de emoção para todos quantos tinham o privilégio de com ela contactar. Nasceram, assim, sob o seu estímulo e inspiração, em toda a parte, instituições para protecção e reeducação de cegos, organizações de que ela era entusiasta propagandista, através das conferências que dava, utilizando um sistema de projecção para os seus escritos.

Dotada de forte sensibilidade, não só reconhecia, pelo perfume, as tonalidades das flores, como o rosto de amigos e o carácter das pessoas, das quais distinguia os sotaques regionais só pela apalpação da garganta enquanto falavam.

Foi esta a mulher extraordinária, cuja existência quase fantástica acaba de atingir o seu termo. Foi esta mulher que nos legou esta oração lapidar: «Sempre que uma porta da felicidade se fecha, uma outra se abre. Porém, muitas vezes olhamos tanto para a porta fechada que não vemos aquela que foi aberta para nós».

Promete pouco e cumpre muito.

DEMÓFILO



A nova sede da Secretaria Mundial do Escotismo

Desde o dia 1 de Maio último, a Secretaria Mundial do Escotismo está instalada em Genebra, no *Boulevard* de Saint-Georges, n.º 72. O telefone é o (022) 42. 91. 20 e o endereço telegráfico é WORLDSCOUT GENEVA.

Aquando da inauguração da sede da Secretaria, foram recebidas dezenas de mensagens de saudação de associações, chefes de estado, de *Lady* Baden-Powell e do coronel Wilson, bem como de muitos amigos do escotismo de todo o mundo.

Em 30 de Abril, houve uma recepção à imprensa local e estrangeira, cerimónia que teve excelente cobertura da rádio e da televisão locais e a da imprensa mundial.

A direcção da Secretaria pede a maior compreensão para qualquer atraso que, durante algum tempo, porventura se verifique na correspondência, dado o equipamento do escritório e os ficheiros demorarem a chegar a Genebra.

Dados biográficos de alguns dos dirigentes da Secretaria

Director de Administração: — L. F. Jarret, de 47 anos, contabilista. Foi lobito, escoteiro e escoteiro-chefe. Está na Secretaria Mundial desde 1954, onde era anteriormente comissário executivo da Administração.

Director de Operações: — Eng.º Salvador Fernandez, de 46 anos. Conhecido dirigente escotista mexicano e grande amigo dos escoteiros portugueses. DCC. Entrou para a Secretaria em 1948, como comissário itinerante da América Latina. Presentemente, desempenha as funções de comissário regional executivo interamericano. Possui a *Bronze Wolf* e outras numerosas condecorações civis e escotistas.

Oficial das Relações Humanas: — Keith E. Kentopp, de 37 anos. Anteriormente, era director assistente de Relações Públicas da Boy Scouts of America. Foi director do contingente americano ao 11.º Jambori Mundial e director do 12.º Jambori Mundial.

Conselheiro das Operações de Caminheiros: — P. A. Siebold, de 50 anos. Lobito, escoteiro, caminheiro e DCC. Entrou para a Secretaria em 1934. Era o comissário executivo das Operações. Esteve presente em todos os Jamboris e Conferências Mundiais desde 1937. Tem a *Bronze Wolf*.

Assistente de Treino: — G. R. Newby, de 37 anos. DCC e comissário de campo, nas Índias Ocidentais, de 1960 a 1963. Esteve presente nos Jamboris Mundiais de 1963 e 1967 e nas Conferências Mundiais dos mesmos anos e na de 1965.

Assistente de Publicidade: — A. J. Murdoch. Graduado do Instituto Internacional de Estudos para Graduados, de Genebra. Educado na Inglaterra, Bélgica e Suíça.

O 13.º Jambori Mundial

Conforme já noticiámos, o 13.º Jambori Mundial realiza-se em 1971, no Japão.

Os dirigentes escotistas japoneses já escolheram o local onde se reunirá a grande concentração escotista. O Jambori assentará as suas tendas junto do Monte Fuji, a mais bela das montanhas do Japão e também a mais elevada: — 3 780 metros.

Esta montanha, de forma cónica, pois nela existiu um vulcão, hoje extinto, tem o cume coberto de neves perpétuas, quase se confundindo com o céu. Batida pelo sol e envolta em nuvens, momento a momento ganha aspectos distintos, o que lhe dá um halo fascinante.

É o mais sagrado dos montes do Japão, rodeado do mistério de muitas lendas e superstições, pelo que, na estação calmosa, há sempre multidões de peregrinos que, trepando pela encosta, pretendem ganhar o fabuloso cume.

O Monte Fuji está situado próximo da antiga capital do Japão, do tempo dos imperadores Xoguns, a cidade de Camacura. Tóquio fica a cerca de uma centena de quilómetros.

Pode dizer-se que o movimento escotista está de parabéns pela boa escolha do local do próximo Jambori.

A DISCIPLINA E A LIBERDADE NA EDUCAÇÃO

Continuação da pág. 1

dar o primeiro lugar à disciplina. Por isso elaborou a Lei do Escoteiro e o rapaz ingressa no Movimento depois de lhe prometer obediência. Mas, apesar de se tratar de uma Lei, essas inspiradoras regras não proíbem coisa nenhuma. Dizem que o Escoteiro É. E se o Escoteiro é verdadeiro, é leal, é valente, é puro, então é um carácter, é uma pessoa. Trata-se, portanto, de uma lei que não anula a personalidade, mas a enriquece, a afirma.

Esta orientação educativa leva o adolescente a adquirir o sentido de disciplina que nasce no seu íntimo e se projecta para o exterior. Não é uma imposição, mas uma disposição, gera o sentido do Dever. Aquele que subordina os actos de sua vida aos imperativos do Dever é verdadeiro Homem, está apto para o exercício da liberdade.

Essa mocidade transviada, perturbada, mesmo delinquente, é gente que nunca conheceu disciplina, não foi ensinada a viver, foi tratada como massa e, por isso, também não foi treinada no exercício da liberdade. Tal como o passarinho criado na gaiola tem asas e não sabe voar, também esses jovens se encontram de posse do dom precioso da liberdade, mas não sabem fazer uso dele e, consequentemente, cometem desatinos.

Que todos os educadores sintam a responsabilidade de ensinar os novos a viver, disciplinando-os, mas permitindo que a sua personalidade se desenvolva em liberdade, porque, como afirma Pedro Gringoire, **sem liberdade uma pessoa cresce, mas não se desenvolve; permanece encerrada dentro do puramente individual e vegetativo.**

Como entrou o Escotismo na Suécia

Publicou Sempre Pronto, *em curta local, a forma como o nosso movimento deu entrada na América.*

Com rara oportunidade, envia-nos o nosso amigo e estimado assinante Sr. Albano da Silva um extracto do livro «Round the World», *em que o seu autor, o conhecido dirigente escotista J. S. Wilson, descreve a forma como o Escotismo apareceu na Suécia.*

Eis essa transcrição:

«Numa tarde de ventania e chuvosa do outono de 1909, um capitão da reserva do exército sueco, professor de educação física em Gotemburgo, estava sentado na sala de fumo de um navio costeiro em que regressava àquela cidade, quando um dos livros que estava numa prateleira acima da sua cabeça caiu numa mesa em frente. Pegou nele e começou a lê-lo.

A medida que seguia a leitura, mais fascinado se mostrava. Ao desembarcar, pediu licença para levar o livro consigo e não adormeceu enquanto não terminou a sua leitura.

O nome do capitão era Ebbe Lieberath e o livro tinha o título de «*Scouting for Boys*»!

Naquele mesmo mês de Novembro, Lieberath constituiu uma patrulha de escoteiros na escola e o jogo do Escotismo ràpidamente se desenvolveu dentro de Gotemburgo e se espalhou por outras partes da Suécia.

Traduziu, então, o «*Scouting for Boys*» para a língua sueca e duas edições de 10 000 exemplares foram vendidos em 10 dias!

Patrulhas e grupos apareceram por toda a parte. A ACM passou a incluir o Escotismo nas suas actividades e formou a sua própria associação escotista em Dezembro de 1911. Dias depois, formou-se a *Sveriges Scoutforbund*, com Ebbe Lieberath como escoteiro-chefe geral, lugar que ocupou até à data do seu falecimento, 1937.»

Ainda se referindo à local sobre a entrada do Escotismo na América, o nosso prezado amigo transcreve a seguinte passagem, também do livro de J. S. Wilson:

«Quando, em 1926, a *Boy Scouts of America* instituiu a sua recompensa «Búfalo de Prata», a primeira concessão foi feita a Baden-Powell e a segunda, em forma de estatueta, ao «Escoteiro Desconhecido».

Em cerimónia realizada no Gilwell Park, o embaixador dos Estados Unidos em Londres fez entrega dessa estatueta ao príncipe de Gales, hoje duque de Windsor, que, na presença de Baden-Powell, a recebeu em nome da Associação dos Escoteiros da Grã-Bretanha.

É interessante recordar que o filho do embaixador, Amory Houghton, foi presidente da Associação dos Escoteiros da América, membro do *Comité* Mundial e também agraciado com o «Búfalo de Prata».

Muito ficou devendo a Associação dos Escoteiros da América à Associação Cristã da Mocidade (YMCA) no início da sua organização, pois a primeira sede, uma secretaria com sete funcionários, foi cedida por aquela organização. Continuamente a ACM deu ajuda e estímulo quando o movimento começou a desenvolver-se em todas as grandes e pequenas cidades, vilas e zonas rurais dos Estados Unidos.»

Quem é o Secretário-Geral do Escotismo Mundial?

Alguns apontamentos biográficos do Dr. Laszlo Nagy



Conforme **Sempre Pronto** oportunamente noticiou, o Dr. Laszlo Nagy foi nomeado Secretário-Geral da Secretaria Mundial do Escutismo pela 21.ª Conferência Mundial que reuniu em Agosto do ano findo, em Seattle (EUA).

Em de 1 de Maio do corrente ano, o Dr. Nagy tomou oficialmente posse do cargo de chefe executivo da Secretaria, onde desempenha as funções de secretário do Conselho e da Conferência Mundiais, dando assim assistência às associações escotistas de cerca de 150 países, ilhas e territórios.

O Dr. Nagy nasceu em Budapeste (Hungria), em 1921, onde fez os seus estudos primários e secundários. Licenciou-se em Biologia pela Universidade de Genebra e em Direito pela Universidade de Budapeste; doutorou-se em Filosofia e Ciências Políticas pela Universidade Pazmany Peter, de Budapeste.

Mais tarde, assumiu as funções de director de um Gabinete do Departamento de Pesquisas e de Documentação do mundialmente famoso Instituto Graduado de Estudos Internacionais, de Genebra. Ao mesmo tempo, fundou a Divisão de Informações à Imprensa e de Relações Públicas da Universidade de Genebra, imediatamente antes de assumir o cargo que hoje ocupa.

O Dr. Nagy é também um conceituado jornalista e escritor. Foi chefe da Divisão de Imprensa do Partido dos Pequenos Proprietários da Hungria. Emigrou, porém, para a Suíça, quando, em 1947, o partido foi dissolvido, tendo-se naturalizado cidadão suíço.

Como editor da secção estrangeira da **Gazette de Lausanne**, o Dr. Nagy transformou-a numa prestigiosa instituição da área do Lago de Genebra e da parte europeia de língua francesa. Internacionalmente se reconhece a sua autoridade em problemas relacionados com os países da Europa de Leste e da África Negra. Publicou os livros «Imre Nagy», «Katanga», «Lenine» e «História das Democracias Populares».

O Dr. Nagy foi escoteiro «patatenra» com a idade de 10 anos. Aos 17, era escoteiro-chefe. O maior contacto que a seguir teve com o escotismo foi quando a Fundação Ford ofereceu os fundos necessários para um estudo acerca do escotismo mundial, tendo designado o Instituto Graduado de Estudos Internacionais para o levar a cabo. Este instituto escolheu o Dr. Nagy para fazer esse estudo. A recolha de elementos para esse trabalho efectuou-se de 1965 a 1967, publicando-se, em Junho deste último ano, o «Estudo sobre o Escotismo Mundial».

Para esta publicação, foram compilados muitos dados sobre os primeiros tempos do escotismo mundial, feitas várias viagens e numerosas entrevistas. Na sua reportagem, o Dr. Nagy analisa e define problemas tais como os relativos à organização mundial, unidade do movimento e os meios de educação dos rapazes para se tornarem adultos bem sucedidos do mundo de hoje.

Na 21.ª Conferência Mundial, o trabalho do Dr. Nagy foi aceite em princípio, assim como muitas das suas recomendações para o aperfeiçoamento do escotismo mundial e da sua organização. A Conferência decidiu também mudar a Secretaria Mundial de Otava para Genebra em 1 de Maio último, isto é, a data em que o Dr. Nagy tomou posse do cargo de Secretário-Geral para meter ombros à reorganização do movimento mundial.

O Dr. Nagy é casado com a antiga guia Monique Cuendet, artista de Genebra. Tem dois filhos e uma filha: Antoine, de 10 anos; Laurent, de 8; e Anne-Valerie, de 6.

O actual Secretário-Geral é o quarto chefe executivo do movimento mundial. Hubert Martin, da Grã-Bretanha, foi o primeiro, em 1922, a quem sucedeu o coronel J. S. Wilson, também da Grã-Bretanha. Mais tarde, assumiu essas funções o major-general D. C. Spry, do Canadá. R. T. Lund, do Canadá, substituiu o general Spry, quando da sua retirada em 1965, até o Dr. Nagy tomar posse do seu actual cargo.

A loucura do homem moderno é tal que a ciência atómica parece ser de momento mais um flagelo para o mundo do que o enorme benefício que poderia constituir se fosse devidamente utilizada.

EUSTACE CHESSES

O Professor Raul Dória e a sua Escola

Temos na nossa mesa de trabalho uma interessante monografia que nos foi gentilmente oferecida pelo seu Autor, o nosso querido amigo e distinto colaborador de «Sempre Pronto», Sr. Professor António Álvaro Dória, que a publicou em separata da «Revista de Contabilidade e Comércio». Lemo-la com emoção, de um fôlego, presos de admiração pela rara tenacidade, intuição pedagógica e saber de um Homem que devotou toda a sua vida ao Ensino, erguendo uma Escola Técnica Comercial modelo que, extinta há seis anos — quarenta anos depois da sua morte — se impõe ainda como experiência válida para uma necessária reforma daquele Ensino.

Porque é impossível separar a existência da Escola da vida do seu fundador e impulsionador, Álvaro Dória, ao fazer a história daquele Estabelecimento, teve forçosamente de traçar a biografia de seu Pai, o pedagogo nato que concebeu e realizou o método que impôs a Escola Raul Dória à consideração e respeito de todos que por ela passaram, alunos ou simples visitantes e, entre estes, contaram-se as mais destacadas figuras intelectuais e políticas da época. Raul Dória não se propôs ser professor. Ainda aluno do Curso Superior de Comércio do Instituto Industrial e Comercial do Porto, em 1900, a solicitação de um dos seus Mestres, começou a dar explicações a dois discípulos daquele e, desta forma, nunca mais deixou de ter em sua volta jovens presos do seu saber e amor pela Educação. A Escola surgiu por necessidade de atender os muitos alunos que constantemente afluíam e o cercavam. O Professor Raul Dória foi alargando as suas paredes, instalando-a finalmente num bom edifício, agora desaparecido por exigências de urbanização. O método que ele criou era intensamente prático. Os alunos aprendiam trabalhando, executando operações comerciais entre hipotéticas firmas que eles próprios constituíam no «cartório do notário» Raul Dória, vendendo e comprando «mercadorias», fazendo depósitos, descontos, sacando sobre o «banco» privativo, comprando os «selos» na «estação postal», transaccionando com «moeda», redigindo correspondência em português, francês e inglês. A actividade tinha um cunho tal de realidade, que existia uma central telefónica que estabelecia as ligações entre os diversos «escritórios» para que se pudessem ultimar as transacções. A Escola publicava e imprimia em tipografia própria livros de ensino, de contabilidade, os impressos indispensáveis à escrituração e às operações, e o Professor Raul Dória, desdobrando a sua extraordinária actividade, publicava ainda livros técnicos e, por diversas ocasiões, revistas da especialidade. Também os alunos tiveram os seus jornais. O método foi tão admirável que a fama da Escola galgou fronteiras e até do Brasil vieram alunos para receber ensino que tão profícuamente preparava para a vida comercial.

Mas a leitura do livro não nos prende apenas por revelar um método de ensino tão eficiente; o que nos enche de admiração é a devoção do Mestre, que indiferente a canseiras, ingratidões, falta de apoio oficial apesar das promessas e das homenagens, consegue através de todos os sacrifícios manter e fazer progredir a sua Escola, criando ainda as condições para que ela pudesse subsistir após a sua morte. Raul Dória deu-se inteiramente ao exercício da sua notável vocação na qual consumiu a saúde e a vida.

É pois natural que Álvaro Dória tivesse escrito esta biografia com a alma transbordando de justificado orgulho pela memória de seu Pai, orgulho e amor filial que nobilitam e é agradável verificar.

Quando líamos estas páginas vibrantes, íamos pensando que o País, e particularmente o Porto, devia uma homenagem ao Professor Raul Dória e que nada estaria mais indicado do que dar o seu nome a uma Escola Técnica daquela cidade, que ele tanto amou e serviu, quando, ao voltarmos a última página, se nos deparou este sentido e pertinente desabafo: «Mas tendo sido meu Pai um dos estrénuos campeões do Ensino Técnico Comercial, causa estranheza que entre as numerosas Escolas Técnicas Elementares existentes hoje no País, algumas baptizadas com nomes absolutamente incolores, não houvesse uma a que dar o de Raul Dória, o que, honrando-a, também contribuiria para não lhe deixar apagar o nome».

Eis uma iniciativa que talvez pudesse partir dos muitos antigos alunos da Escola e que seria um acto de justiça que só honraria quem o promovesse e aprovasse.

O Dr. Baltasar Rebelo de Sousa

foi nomeado Governador-Geral de Moçambique

O Conselho de Ministros, na sua reunião de 14 do corrente, escolheu, por proposta do Ministro do Ultramar, o Sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa para desempenhar o importante cargo de Governador-Geral de Moçambique.

O Dr. Rebelo de Sousa, que tem desempenhado importantes cargos públicos e, entre estes, o de Subsecretário da Educação, é Antigo Escoteiro e foi Secretário-Geral da Associação dos Escoteiros de Portugal em 1950, cargo que desempenhou com dedicação, tendo servido ainda noutros cargos associativos, em que sempre demonstrou um carácter escoteiro e conquistou muitos amigos.

«Sempre Pronto» vê com muita simpatia a presença de um Escoteiro em tão importante cargo, onde irá uma vez mais evidenciar as suas qualidades de **sempre pronto a servir.**



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

O melhor possível

A primeira frase que norteia a educação escotista — O MELHOR POSSÍVEL — é a divisa que serve de inspiração aos lobitos, os mais novos membros da fraternidade escotista. Foi bem escolhido tal lema. Que mais se poderá esperar de uma criança, fraca como é, do que o desejo de em tudo proceder *o melhor possível?*

O melhor sorriso, a melhor amizade, o melhor entusiasmo, a melhor sinceridade, a melhor boa vontade, constituirão os melhores alicerces para edificar uma vida.

O melhor possível, se é um bom desígnio para princípio de vida, será melhor aspiração ainda para começo de um trabalho.

Está o nosso Movimento passando por uma fase de intensa reorganização que, por necessitar de ser profunda, será forçosamente morosa.

....

Se (...) cumprirmos o melhor que pudermos o nosso Dever, podemos estar certos de que não só teremos preparado o ambiente para a reorganização do Escotismo, mas efectuámos já essa reorganização e, mais do que isso, impusemos o Movimento à consideração e respeito de todos os que nos cercam.

Façamos, portanto, O MELHOR POSSÍVEL! Só assim poderemos estar SEMPRE PRONTOS, só assim estaremos aptos a SERVIR.

A morte do senador Roberto Kennedy

— Mais uma sinistra proeza

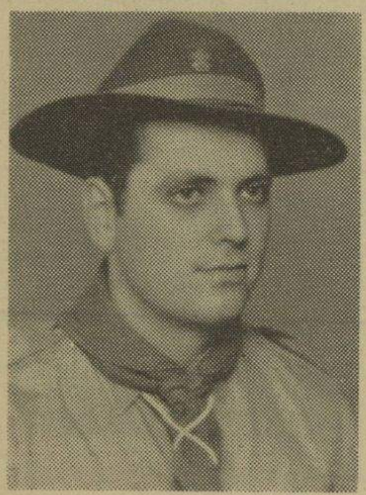
Ainda há apenas dois meses tivemos de verberar o crime que prostrou o pacifista norte-americano Martin Luther King, e já hoje temos de abordar o mesmo tema ao registar outra abominável proeza da criminalidade americana que, desta vez, teve por alvo o senador Roberto Kennedy, candidato à presidência dos E. U. A. e irmão do malogrado presidente João Kennedy, vítima, há quase cinco anos, doutro miserável atentado.

A condenação do crime de Los Angeles já está feita. Todo o mundo estigmatizou o hediondo acontecimento com atitudes que revelam completo repúdio e a mais profunda indignação. Nada poderíamos acrescentar ao muito que foi dito. Seja-nos, contudo, permitido lembrar que, num caso desta natureza, há, com certeza, muitas implicações que transcendem o facto (simples afinal na sua evidente crueza) do braço que actua e do corpo que cai varado. É necessário que se desvende o mistério dessas tenebrosas maquinações que conduzem a tão torpes façanhas. Só desfiando essa sórdida meada, onde se esconde o mundo do crime, será possível criar as condições indispensáveis para evitar a dolorosa realidade de uma sociedade em que, o facto de se ser um homem de boa vontade, é meio caminho andado para ter jus à coroa do martírio.



Escoteiro Joaquim Ferraz de Aguiar

Como «Sempre Pronto» oportunamente noticiou, o escoteiro Joaquim Ferraz Aguiar, do 2.º Grupo dos Escoteiros de Portugal, caiu, em combate, nas margens do rio Lué, em Angola, em 31 de Agosto de 1961.



Os seus restos mortais foram agora trazidos para a metrópole, tendo-se realizado o seu funeral, da capela do Hospital Militar Principal, da Estrela, para o cemitério do Alto de S. João, no dia 12 do corrente mês.

A família deste inditoso jovem, apresentamos condolências sentidas.

Como se vive o Escotismo

O jornal *Comarca da Sertã* publicou, em 18 de Maio passado, um interessante artigo sob o título acima. O seu Autor, o Sr. R. Américo, teceu diversas e esclarecidas considerações acerca do Escotismo e, entre elas, algumas referentes ao papel da religião no Escotismo, considerações que aplaudimos e pedimos licença para transcrever:

No Escotismo a religião é livre. Podemos citar o exemplo mais concludente da afirmação que fazemos: no campo de Gilwell Park, em Inglaterra, há várias capelas para a prática dos actos religiosos: há capelas católicas, protestantes, budistas, islamitas, etc., etc. Mais: um acampamento em que haja escoteiros de diversas religiões, se um deles quiser menosprezar o outro em face da diferença de religiões, será expulso do campo.

Feita esta explicação, verifica-se que o Escotismo é movimento, não para os «beatos», como é vulgar dizer-se, mas sim para todos aqueles que quiserem cumprir uma lei, para aqueles que quiserem aproveitar todos os benefícios de uma vida ao ar livre, em contacto pleno com a natureza. Em suma: O Escotismo é movimento de formação de jovens, com o aproveitamento da colaboração entre estes e os dirigentes.

Verifica-se, por estas palavras, que o Autor tem uma visão ampla dos ideais escoteiros e, portanto, só poderemos atribuir a equívoco uma afirmação que infelizmente precede o trecho que transcrevemos. Diz ele: *Muitos pensarão que o Escotismo é um movimento da Igreja Católica, apenas. Franca ilusão. É certo que em Portugal há o escotismo católico (C. N. E.), mas também não é menos certo que há o protestante (A. E. P.).* Não só é menos certa mas está completamente errada esta afirmação. Ela tem sido maldosamente repetida muitas vezes e, por isso, não nos admiramos que o Autor a tenha acreditado de boa fé. A Associação dos Escoteiros de Portugal é uma associação aberta a jovens de todas as crenças, no mais amplo espírito escoteiro. É uma associação que segue a linha tradicional do movimento, sem sectarismo, onde cabem todos aqueles que prestam promessa de *amar e servir fielmente a Deus e a Pátria, auxiliar o próximo em todas as circunstâncias e obedecer à Lei do Escoteiro.*

Na A. E. P. há escoteiros cristãos-evangélicos e escoteiros católicos, bem como de outras confissões, e as portas estão abertas para todos que aceitam a Promessa.

Não pedimos ao Autor do artigo para corrigir a sua afirmação. Sabemos que é Escoteiro e, portanto, temos a certeza de que será o primeiro a fazer o esclarecimento logo que saiba o lapso em que caiu. Pela nossa parte, ficamos satisfeitos pela oportunidade de dar a conhecer como se vive o autêntico Escotismo numa associação onde os ideais do Movimento têm amplo lugar. *O Escoteiro é amigo de todos e todos os escoteiros são meus irmãos.*

Inauguração do Lar da Associação de Beneficência Evangélica

No dia 2 de Junho passado, a Associação de Beneficência Evangélica inaugurou, em S. Sebastião de Guerreiros, Loures, um Lar que destinou ao amparo e conforto de pessoas idosas, que nos últimos anos de vida carecem de um ambiente de família onde possam gozar de tranquilidade.

O Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal colaborou activamente neste acto inaugural, tendo na véspera acampado num pequeno pinhal privativo da instituição. Os Escoteiros orientaram o trânsito, acompanharam os visitantes e ajudaram o numeroso público que acorreu a instalar-se no local.

A acção dos rapazes foi muito apreciada.



Dentro do Movimento Escotista serão de admitir distinções?

Sabido, como é, que as distinções em qualquer actividade do meio social só servem para agravar os males da humanidade, sempre que dentro do movimento escotista as mesmas se verificam fico a pensar que o esforço de Baden-Powell, no sentido de formar cidadãos prestáveis sob todos os pontos de vista, tarde ou nunca será compensado.

Sim, leitor amigo, a divisão que se vem notando no nosso país, e não sei se noutros, entre escOteiros e escUteiros, afigura-se-me prejudicial no sentido da formação espiritual que se impõe para a nossa elevação.

«Todos por um e um por todos» foi decerto a ideia de Baden-Powell ao iniciar o movimento que, à maneira britânica, se designaram *scouts*. No entanto, com escOteiros por um lado, abraçando todos sem distinções, e escUteiros por outro, repudiando os que não professem a religião católica, não alcanço progresso que seja de molde a desenvolver os princípios de Fraternidade e Amor que Cristo pregou.

Um só movimento em que todos nos tornássemos verdadeiros escoteiros, salvaria católicos e protestantes, pretos e brancos, poderosos e humildes, numa palavra: salvaria o mundo.

Porque não tentar, pois, que homens, envergando as mesmas fardas, se abracem como irmãos, quaisquer que sejam os seus credos, cores ou políticas?

Respeitar as ideias dos outros para que respeitem as nossas deve estar sempre presente, pois, salvo melhor opinião, do respeito mútuo muito há a esperar no sentido de cessarem as lutas sangrentas que ameaçam destruir tudo e todos.

Lutando, pois, quanto as nossas forças permitam por união sem quaisquer distinções, não conseguiremos que no mundo diminuam as complicações?

Joaquim de Sousa Piscarreta

N. da R. — No artigo que no penúltimo número publicámos nesta secção, da autoria deste nosso prezado amigo, o terceiro período deve ser lido na forma interrogativa, ou seja, da seguinte maneira: «*No caso da transplantação de corações, serão os operadores capazes de actuar em igualdade de circunstâncias, recebendo, ou não, remuneração pelos seus serviços, conforme se trate de pessoas com ou sem recursos?*»

Pedimos que nos relevem a *gralha* cometida.

DOS AMIGOS DO «SEMPRE PRONTO»

Serviço Militar — Em 18 de Maio passado, partiu para Moçambique, em serviço militar, o nosso estimado amigo e assinante Sr. Norberto da Costa Silvério, a quem desejamos as maiores felicidades no desempenho dos seus deveres.

SEMPRE PRONTO

Número 278

Junho de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

ANTIGOS ESCOTEIROS 1950

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal visitou a cidade do Porto

Com grande euforia, onde não faltaram vasos de manjericos e cravos de papel crivados de engraçadas quadras escoteiras, partiu da sede da Fraternal, na manhã do dia 1 deste mês, com destino à Cidade Invicta, a caravana dos antigos escoteiros.

Presentes, figuras conhecidas do movimento, entre as quais se destacavam os companheiros Albano da Silva, Alves Miguel, Fausto Sacadura, Humberto Martins, João Clímaco, António Bento, José Paula, António Pinto, Domingos Sousa, João H. Pereira Soares, Sá Viana, Eduardo Quintino, Mário Leite, Eng.º Nobre Santos, Wolf Karl, Luís António Santos, Machado, Xavier de Brito, Armando Inácio e Eduardo Xavier, fazendo-se acompanhar, na sua maioria, pelas esposas e filhos.

Pelas 11 horas, Alcobaça estava à vista. Tomou-se então um rápido pequeno almoço, prosseguindo a marcha até à velha cidade estudantil: — Coimbra.

A alegria reinava a rodos nesta feliz viagem, principalmente quando Armando Inácio improvisou uma canção alusiva à digressão: «Vamos ao Norte», a qual todos cantaram afinadinhos, apesar do seu estilo de *bossa nova*, alcançando, por isso, grande êxito quando foi cantada no Porto. Eis a letra:

Vamos ao Norte
De Portugal,
Para abraçar
Companheiros da Fraternal.
Vamos alegres,
Pois bem se vê
Somos antigos
Escoteiros da AEP.

Rapaziada, que boa camaradagem!
Haja alegria nesta nossa viagem,
Pois o escoteiro é alegre e bem disposto.
Por isso vamos
Rir com bom gosto.
O nosso lema é fraternidade
Para servir não conta a idade.
Somos escoteiros dos oito aos oitenta,
Quem tiver pernas
É que se aguenta.

A música, da conhecida melodia inglesa «Congratulations», ràpidamente entrou no ouvido, sendo, por isso fácil o ensaio.

O almoço foi servido em Boavista, perto de Leiria. Depois do repasto, a caravana seguiu para Coimbra, onde sob os protestos dalguns dos forasteiros, a paragem se reduziu a 20 minutos, o que não foi suficiente para visitar a cidade, como estava previsto. O atraso tomara conta da excursão e era necessário estar no Porto às 19 horas, onde nos esperaria a magnífica recepção.

Chegámos ao Porto à hora prevista. No entanto, à nossa espera estavam sòmente os chefes Vidal dos Santos e Arnaldo Couto, acompanhados de um escoteiro e do antigo escoteiro sr. Guerreiro.

À noite, como nenhuma actividade marcasse o programa, os excursionistas dispersaram e cada qual tomou o seu rumo.

No domingo, dia 2, logo de manhã, tivemos oportunidade de visitar o Museu Etnológico e Histórico da Cidade, no que tivemos o privilégio de ser acompanhados pelo seu director, sr. dr. Pires de Lima, que, com fervoroso ardor portista, explicou o valor e o significado dos objectos expostos. No final, o companheiro Eduardo Xavier, em nome da Fraternal, ofereceu um distintivo ao ilustre director do Museu, como lembrança desta visita.

Depois do almoço, os visitantes dirigiram-se ao Parque do Covelo, onde se estava realizando um acampamento regional, no qual estavam representados os grupos n.ºs 4, 15, 17, 44 e 91, num total de 80 escoteiros, lobitos e caminheiros.

Os forasteiros foram recebidos com manifestações de muita alegria, que se tornou esfuziante quando o companheiro Xavier de Brito entrou na parada, empunhando o estandarte da Fraternal.

Cantado o Hino da AEP por todos os presentes, os excursionistas apresentaram a sua canção de boas vindas, e os rapazes do Porto entoaram o hino do Acampamento Regional do Norte de 1967.

Feito silêncio, o sr. Presidente da Fraternal leu a seguinte mensagem, especialmente escrita pelo sr. Rev. Eduardo Moreira para aquele momento:

«Os antigos Escoteiros de Portugal encontraram-se num dos mais altos momentos da modesta história da sua Fraternal escotista ao saudarem, pessoal e colectivamente, o Porto, a gloriosa Cidade do Trabalho, reduto das liberdades cristãs e humanas e relicário das virtudes do velho Portugal.

Representa para nós, que aqui viemos, um esforço que agradecemos a Deus ter podido levar a cabo, ao estendermos a todos vós a nossa esquerda, em gesto de franco e afectuoso companheirismo e ao elevar a dextra na afirmação de respeito mútuo que desde a mocidade nos foi incutido; mas oferecendo ambas as mãos aos prezados Companheiros do Norte para, num futuro imediato, darmos todos juntos o testemunho futuro e «Sempre Pronto» do nosso contributo para o bem da querida Pátria e de toda a Grei humana».

Após os aplausos que coroaram esta mensagem, respondeu o sr. comandante Coutinho Lanhoso, delegado dos Serviços Centrais no Norte, agradecendo a «lembrança de terdes escolhido a cidade do Porto para a vossa visita, o que nos deixa enternecidos».

A rapaziada dirigiu então um «Bom Companheiro» a todos os visitantes, a pedido do sr. Com. Lanhoso.

Em seguida, Eduardo Xavier e os restantes membros da Secção de Campismo da Fraternal, organizadores desta inesquecível excursão, ofertaram galhardetes a alguns antigos escoteiros do Norte. O sr. Presidente da Fraternal ofereceu também um interessante crachá ao senhor Com. Coutinho Lanhoso.

Depois de uma rápida visita ao acampamento, a caravana empreendeu o regresso a Lisboa.

Como nota comovente, tivemos o prazer de abraçar o camarada José de Jesus Ferreira, antigo escoteiro do grupo n.º 10 e que actualmente dirige um escritório no Porto, que nos acompanhou até à Ponte da Arrábida, donde nos dirigiu um longo adeus.

O regresso foi agradável, porque sempre nos foi dado contemplar belíssimas paisagens.

À noite, um animadíssimo «fogo de conselho» dentro do autocarro, encerrou com chave de ouro esta feliz iniciativa da Secção de Campismo da Fraternal.

Armando Garcia Inácio

Concurso de Encadernações

Foram atribuídos os prémios às Patrulhas concorrentes

Reuniu finalmente o Júri do Concurso de Encadernações promovido por «Sempre Pronto», que foi constituído pelos Srs. Eng.º José Maria Nobre Santos, Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto, que representava a Associação dos Escoteiros de Portugal; Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal e competente artista desenhador; Chefe Armando Morais, técnico encadernador, e Chefe Armando Garcia Inácio, em representação de «Sempre Pronto».

Foram sòmente três os trabalhos apresentados. No entanto, o Júri teve ocasião de apreciar o bom nível das encadernações concorrentes, tanto sob o aspecto técnico como das decorações. O primeiro prémio foi atribuído à Patrulha Lobo, do Grupo n.º 44, de Vila Nova de Gaia, que se distinguiu por interessantes ilustrações que intercalou nas páginas do jornal. O segundo prémio foi atribuído à Patrulha Águia, do Grupo n.º 77, de Faro. E o terceiro prémio coube à Patrulha Falcão, do Grupo n.º 8, de Lisboa.

As três patrulhas concorrentes merecem uma palavra de louvor porque o trabalho a executar não era fácil. A colecção de «Sempre Pronto» foi encadernada em diversos volumes, cuja execução, bastante trabalhosa, foi executada com esmero. Por isso, «Sempre Pronto» saúda e felicita as Patrulhas que levaram a bom termo o seu concurso.

Os volumes que, estiveram expostos durante a Semana Escoteira na sede da Fraternal, na Rua de S. Paulo, em Lisboa, e foram muito apreciados, vão ser enviados, com os respectivos prémios, às patrulhas concorrentes.